

ECONOMIA COLABORATIVA. VOCÊ JÁ OUVIU FALAR?



Autor: Paulo Roberto Bertaglia

RESUMO

A economia colaborativa ou economia compartilhada é um ecossistema sócio econômico construído em torno de recursos humanos, físicos e intelectuais. O modelo inclui a criação, produção, distribuição, comercialização e consumo de bens e de serviços por diferentes pessoas e diferentes organizações de maneira compartilhada. Mas o modelo é puramente conceitual ou já existe? Sim, já existe. E a tecnologia é um elemento primordial para fazer com que o modelo se sustente. O compartilhamento de transportes, automóveis e bicicletas, e mesmo aluguéis de hotéis e quartos, tem sido um negócio em expansão. Será que este modelo afetará grandes empresas? Eu ficaria bastante preocupado se estivesse no lugar delas!

Interessante, no entanto, entender que este modelo só funcionará adequadamente se houver confiança mútua. Aqui neste pequeno artigo você entenderá porquê.

INTRODUÇÃO

A economia colaborativa extremamente popularizada pelo Uber nos últimos anos, tem crescido significativamente. E seguramente crescerá muito mais à medida que os consumidores entendam a proposta e as empresas enxerguem e criem formatos de relacionamentos diferentes. De acordo com algumas projeções, este poderá ser um setor que atingirá cerca de US\$ 350 bilhões nos próximos dez anos.

Na economia colaborativa, as pessoas conseguem o que elas querem sem precisar adquirir certos produtos. Por exemplo, ao invés de comprar um carro as pessoas podem usar automóveis que estão disponíveis o dia todo para uso compartilhado sem ter a necessidade da estrutura de uma locadora de automóveis. Com uma carteira de motorista, o “cliente” usa o carro e o devolve em algum ponto. O mesmo se passa com reservas de hotel. Pessoas podem reservar quartos de uma residência, por exemplo, por somas muito mais acessíveis. E isso já existe.

Essas transações mencionadas correspondem a um processo de enorme transformação. Essa é a economia colaborativa ou compartilhada. O conceito não se limita a comprar ou vender. É um movimento muito mais forte, onde as pessoas conseguem bens e serviços uns dos outros por valores mais competitivos em relação aos tradicionais comércios.

Assim como a tecnologia é o meio que viabiliza o compartilhamento de conteúdo das mídias sociais, ela agora possibilita o compartilhamento de produtos, serviços, transporte, espaço e mesmo dinheiro numa escala e velocidade que antes nem sequer imaginávamos.

No mundo da economia compartilhada, aqueles que denominamos consumidores, são agora produtores, financiadores, vendedores e distribuidores. Isso interessa às grandes empresas pois esse movimento significa que as pessoas vão obter o que precisam entre aqueles do próprio ecossistema – ao invés de comprar das grandes empresas. No seu condomínio, ou na sua vizinhança pode ser que exista alguém que forneça lanches deliciosos a preços competitivos e com qualidade superior. Isso já é real inclusive no Brasil.

OS PROBLEMAS

Contudo, a rápida expansão do modelo tem chamado a atenção dos setores públicos e empresariais e os problemas começam a aparecer. Publicidades e ações negativas tem surgido. Em alguns países, incluindo o Brasil, temos visto protestos (foto ao lado) e até mesmo agressões aqueles que prestam serviços para o Uber por exemplo.



Iniciativas legais muitas vezes são adotadas visando o bloqueio de funcionamento dos serviços como tem acontecido com o Whatsapp no Brasil.

Por outro lado, os questionamentos têm surgido com relação a algumas empresas que nasceram no contexto do compartilhamento ou da colaboração, mas vem cada vez mais se transformando em grandes corporações. O Uber e Airbnb são exemplos. Tais empresas utilizam a tecnologia como plataforma de comunicação para conectar os compradores e os vendedores. O grande problema quando algo sai errado é entender de quem é a responsabilidade. O Uber cobra entre 20 e 25% de taxas dos prestadores de serviço de transportes de passageiros.

O modelo de transportes do Uber, rotulado como colaborativo, tem irritado o setor uma vez que para circular os taxistas necessitam arcar com taxas e seguir regras estabelecidas pelo setor público enquanto o outro modelo, ao menos por ora, não tem tais exigências.

Embora alguns modelos de livre mercado, não sejam aceitos como elementos da economia colaborativa pura, seguramente traz uma nova dinâmica de competitividade e movimentação social. No caso do Uber, houve uma forte migração de pessoas com formação superior para esta atividade em busca de

maior renda. No entanto, com a alta procura e quantidade de motoristas independentes, a demanda pelos serviços diminuiu gerando um declínio na receita. Com isso o retorno a antiga função, se possível, irá gerar um equilíbrio no mercado.

TRANSFORMAÇÃO

Por outro lado, notamos que o capitalismo, como hoje é conhecido deve passar por uma transformação significativa. O surgimento da Wikipédia é um exemplo característico de economia colaborativa. A enciclopédia Britânica que tanto sucesso fez em décadas passadas com cerca de 50.000 artigos perde de longe para a Wikipédia com mais de 30 milhões de artigos em 287 idiomas. Sem contar as grandes operadoras de telecomunicações que sofrem uma concorrência fortíssima de Skype e WhatsApp.

| Transporte



O aplicativo de navegação colaborativa – Waze, que gratuitamente pode ser instalado nos celulares, é um exemplo espantoso de economia compartilhada para o apoio às movimentações de transportes e passageiros. Os aparelhos de GPS convencionais que vendiam milhões de unidades ao ano encontraram no produto um concorrente que baseado na evolução tecnológica quebrou barreiras significativas. Tão importante era o conceito que Google adquiriu a empresa Waze por US\$13B. Em paralelo, muitas empresas tradicionais quebraram e outras buscaram se reinventar acessando novos mercados.

| Acomodação

Grandes redes de hotéis veem com desespero fatias de mercado desaparecerem devido a empresas como Airbnb que permitem aos usuários buscarem quartos, apartamentos ou residências para serem alugadas. A empresa utiliza aplicativo tecnológico para que locadores e usuários possam interagir e processar as transações. Da mesma forma que o Uber, tal modelo não tem sido bem visto, uma vez que pode provocar rupturas nas cadeias hoteleiras convencionais e gerando desempregos.

Algumas das grandes empresas tem demonstrado uma tendência em negociar com o setor público, para de alguma forma estabelecer compromissos legais para evitar que as ideias inovadoras sejam simplesmente enterradas ou varridas para debaixo do tapete.

| Aprendizado

Existem ainda produtos oferecidos para a educação de uma forma colaborativa. As pessoas que possuem uma capacitação em determinado assunto informam o que poderiam e desejariam ensinar. E por outro lado os “consumidores” se inscrevem para o aprendizado. Uma plataforma bastante conhecida é o Weeazy. Um outro que tem feito tremendo sucesso é o Duolingo onde os aprendizes simulam jogos e ganham pontos à medida que praticam idiomas e sejam disciplinados e constantes na visita a plataforma. Grande quantidade de idiomas está disponível para aqueles que desejam aprender. E é inteiramente gratuito.

| Supermercado

Em Londres existe um supermercado (People’s Supermarket) onde apenas os seus membros podem comprar e onde os mesmos obtêm 20% de desconto. Em troca, os associados pagam uma taxa de 25 libras anuais e são solicitados a dedicar voluntariamente quatro horas mensais trabalhando em atividades internas. Em função dessa dedicação, os custos de pessoal são reduzidos e os benefícios se revelam nos custos baixos. Todo lucro auferido é colocado na loja para reduzir ainda mais os preços. Esse modelo, similar às cooperativas, onde grupos setoriais decidem compartilhar riscos e lucros, é um modelo de economia colaborativa. As crises econômicas acabam por vezes redescobrimo e catalisando novas formas e abordagens de negócios.

|Entretenimento

O Youtube é um exemplo característico de entretenimento colaborativo. Enquanto grandes redes televisivas buscam se firmar para trazer seus telespectadores, gerando programas caríssimos, cem horas de vídeos são carregadas a cada minuto no Youtube. Notícias, vídeos educativos, gravações feitas pelos celulares são disseminadas pelas redes sociais atingindo Facebook, LinkedIn, Instagram, entre outras mídias. Tal modelo permite que as pessoas em sua total simplicidade possam se comunicar através de fotos ou vídeos com amigos e familiares. O tempo em que tais pessoas permanecem nos celulares, tablets ou desktops é o tempo que poderiam estar consumindo diante da televisão. Isso faz com que os patrocinadores revejam o direcionamento de suas propagandas. Pessoas comuns passam a ser atores, professores e cantores. O que antes era privilégio de alguns já não é mais.

UM NOVO TIPO DE RELACIONAMENTO

Atualmente, os consumidores podem escolher não apenas a forma como usam produtos e marcas, mas também como podem adquiri-las. O consumidor pode por exemplo escolher entre comprar um automóvel ou compartilhar o seu uso através de serviços. Tais empresas já existem em vários países e oferecem alternativas para quem não quer ter a propriedade de um veículo. Exemplos são a Zipcar e a GoGet. Um novo tipo de relacionamento se cria e permite que pessoas possam alugar carros, bicicletas, espaços de escritório, malas, furadeiras, joias, quartos, barcos e muitos outros ativos e serviços diretamente uns dos outros para uso coletivo. O acesso aos produtos e aos serviços é muitas vezes mais importante que a propriedade dos mesmos. As comunidades se utilizam de tecnologia para viabilizar o acesso a este compartilhamento e o que se vê é uma proliferação de modelos de consumo.

A grande questão é se estes modelos de acesso são baseados também nas categorias de sustentabilidade e proteção ao meio ambiente, ou apenas calcados nos preços mais atrativos – por enquanto – e nas conveniências individuais de cada um.

Não há dúvidas de que este tipo de relacionamento causa um impacto social enorme. Não existe a necessidade, por exemplo, de todos termos uma furadeira em casa. Quantas vezes furamos algo?

O conceito mais puro da economia colaborativa remete a pensar em que as pessoas compartilhem aquilo que elas possuem com outros com base na confiança e credibilidade. A partir daí regras são criadas. O que acontece se na devolução os equipamentos não mais funcionam?

Nos centros urbanos, a liberdade, mobilidade e flexibilidade são valores em ascensão. E o conceito quicá venha contribuir com estes desejos.

E NO BRASIL?

O Brasil segundo alguns estudos realizados recentemente é o país na América Latina que mais tem se destacado em relação aos modelos da economia compartilhada e colaborativa. Além do já conhecido Uber, alguns outros negócios parecidos têm surgido como é o caso do 99Taxi no serviço de transporte de passageiros.

Mas não para por aí. Há uma diversidade muito grande de negócios. O DogHero, lançado no final de 2014, é uma iniciativa voltada para a hospedagem de cachorros. Pessoas preocupadas com seus animais se sentem desconfortáveis em deixar seus cães sozinhos. Com isso as pessoas se cadastram no site e se qualificam para cuidar dos “caninos” complementando suas rendas ou mesmo vivendo exclusivamente dela. O cliente paga uma diária e o site intermedia a transação retendo um percentual dos valores. A nova modalidade encontra ainda respaldo na situação econômica do país, onde o desemprego é alto e ainda há muita incerteza com relação ao futuro.

Existem alguns serviços que são exportados e ganham notoriedade internacional como é o caso do Bliive, que permite a troca de conhecimentos e se auto denomina “rede colaborativa de troca de

tempo”. Um usuário do Bliive pode buscar uma pessoa que esteja disposta a ensinar-lhe um tema específico, que pode ser inglês, espanhol, instrumentos musicais, culinária, entre outras. Aquele que ensina, recebe uma moeda virtual, que pode ser usada nas transações de compra de serviços de um outro usuário.

Outro serviço é o Parkingaki que é uma plataforma de estacionamento on-line que conecta proprietários de estacionamentos ou pessoas que gostariam de ganhar um dinheiro extra alugando sua vaga de garagem com usuários de todo o Brasil.

Na verdade, as opções são muitas e a criatividade vai sempre além de temas convencionais: desde cuidar e passear com cães até aplicativos que permitem a colaboração no transporte através da oferta de caronas.

CONCLUSÃO

O tema da economia colaborativa é extenso e tem gerado muitas dúvidas e questionamentos. Como a maturidade é baixa e a diversidade é grande há que se entender como as instituições governamentais irão regulamentar tais atividades. Há uma mudança significativa de comportamento e a confiança parece ser a palavra chave na maioria dos modelos sendo criados. A tecnologia aparece como elemento viabilizador. As pessoas compartilham informações pessoais incluindo seus cartões de crédito. Por outro lado, alguém deixar que desconhecidos passem a noite ou noites em seus quartos, não parecia ser uma ideia aceitável no passado. Contudo hoje já é algo que vem acontecendo.

Todos os mercados serão afetados. Não acredito que seja um movimento que chegou e irá se dissipar. Pode sim sofrer adaptações e transformações, mas o conceito me parece ser bastante interessante. Seguramente as empresas convencionais estão preocupadas, pois isso as afeta. Se entendermos que alugar garagens e quartos particulares pode levar a que milhares de pessoas usem tais serviços, seguramente uma fatia do que é vendido pelas empresas hoteleiras e estacionamentos irá para outras mãos.

E o conceito nasce por necessidade. O ponto crucial é de que forma fazemos ou iremos fazer parte dessa nova economia.

Que a força esteja contigo!

SOBRE O AUTOR



Paulo Roberto Bertaglia possui extensa vivência e experiência profissional nas áreas de planejamento, compras, logística, manufatura, tecnologia da informação, consultoria de negócios, terceirização e vendas de serviços. Ao longo de sua carreira especializou-se principalmente nas áreas de Supply Chain Management, Gestão estratégica de Negócios, Liderança e Terceirização de Serviços. Atuou nas empresas IBM, Unilever, Hewlett-Packard e Oracle. Professor de pós-graduação em Logística, Gestão Estratégica de Negócios e Tecnologia da Informação. Sócio fundador da PREMIATTA. Fundador da BERTHAS (www.berthas.com.br), uma empresa voltada para a transformação de pessoas e organizações. É autor dos livros Logística e Gerenciamento da Cadeia de Abastecimento lançado pela Editora Saraiva, Serviço a Cliente e Estratégias de Logística Global, além de inúmeros artigos publicados por meios de comunicação nacionais e internacionais. Palestrante tem dedicado parte do tempo a disseminar o conhecimento através do lema: COM EDUCAÇÃO VEM A TRANSFORMAÇÃO, em publicação no Facebook, Google+ e Youtube.

Endereços recomendados e nos quais se pode estabelecer contato:

<http://www.linkedin.com/in/paulobertaglia>

Vídeos sobre Supply Chain, Logística, Liderança e Tecnologia aplicada entre outros temas elaborados pelo autor:

<http://www.youtube.com/c/PauloBertaglia>

<https://www.facebook.com/PauloRobertoBertaglia/>